

NÓS, OS BÁRBAROS! REFLEXÕES A PARTIR DE “EXPERIÊNCIA E POBREZA”

Carlos Roger Sales da Ponte
Deborah Christina Antunes

RESUMO

O presente ensaio trata do tema da barbárie, em sua face positiva, diagnosticada e descrita por Walter Benjamin no ensaio “Experiência e Pobreza” como uma das consequências da precarização do declínio da modernidade a qual despotencializa qualquer possibilidade de uma aprendizagem significativa de situações constituidoras de experiências narráveis, recaindo numa situação cultural e política de barbarismo. Admitindo, dentro do horizonte histórico que nos atravessa, que somos bárbaros e se assumíssemos nossa condição de “barbárie bárbara”, teríamos condições de nos comprometer a fazer diferença em meio a este estado de coisas bárbaro? A arte poderia se configurar como um modo de operar tais diferenças? Este escrito é um convite à reflexão e ao posicionamento existencial destas e outras questões lançadas por Benjamin, exigindo respostas.

Palavras-chave: Barbárie. Positiva. Experiência. Modernidade. Arte.

WE, THE BARBARIANS! REFLECTIONS FROM “EXPERIENCE AND POVERTY”

ABSTRACT

This essay deals with the theme of barbarism, in its positive side, diagnosed and described by Walter Benjamin. In his essay "Experience and Poverty", Benjamin describes barbarism as one of the consequences of the decline of modernity which unpowered any possibility of a meaningful learning of situations of experiences potentially capable of being narrated, falling into a cultural and political situation of barbarism. Accepting, within the historical horizon that runs through us, we are barbarians and assuming our condition of "barbaric barbarism", would we be able to commit ourselves in making difference in the midst of this state of barbaric things? Could art be configured as a way of operating such difference? This writing is an invitation to reflection and existential positioning of these and other issues thrown by Benjamin, demanding answers.

Keywords: Positive. Barbarism. Experience. Modernity. Art.

Professor do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC)/Campus Sobral. Mestre em Filosofia e Mestre em Psicologia (UFC). Doutorando em Filosofia (UFC). Brasileiro, residente em Fortaleza – CE. Email: jardimphilo@yahoo.com.br.

Professora Adjunta Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC)/Campus Sobral. Mestre em Educação (UFSCar). Doutora em Filosofia (UFSCar). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Nexos: Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar/NE. Brasileira, residente em Sobral-CE. Email: deborahantunes@gmail.com.

O tamanho de uma obra não pode ser medido pelo número de páginas que contém, mas pela quantidade de vezes que precisa ser lida para ser inteiramente compreendida, nos diz Kant, em sua *Crítica da Razão Pura*. Essa mesma ideia cai como uma luva para a enormidade do breve e intenso ensaio “*Experiência e Pobreza*”, escrito em 1933 por Walter Benjamin. Nele, o filósofo berlinense nos brinda com seu lamento do quão sua geração (e nós mesmos, por que não?) já se encontrava distante do que significa narrar uma história que contenha ela mesma os traços de uma tradição vinda de outros tempos e de algo que pudesse proporcionar uma aprendizagem vital significativa na forma de experiências. Benjamin atesta que o “monstruoso desenvolvimento da técnica” (o qual parece dispor a todos de uma enorme *riqueza* em potencial) fez surgir uma nova modalidade de pobreza para além da pobreza material há muito indicada pelos filósofos marxistas ortodoxos, uma vez que muitas manifestações deste suposto “desenvolvimento” não passam de disfarces a aparentarem novidades. “Galvanização”, como ele mesmo diz: esse processo químico que, ao mesmo tempo em que conserva, termina por impor a aparência ilusória de “coisa nova”; a algo que permanece o mesmo. Pseudo-individação, para lembrar outro termo comum aos frankfurtianos. Assim, todo o patrimônio cultural humano que o século XIX e o advento da modernidade (veloz e tecnificada; que funciona na base do choque e é interventiva na vida humana) desvinculou de nós, despotencializando a narração, retirou a força das situações constituidoras de experiências. Daquele patrimônio, o valor se perde ou fica obscurecido talvez como objeto de culto ou de troca comercial; isto é, transforma-o em mercadoria. De todo modo, há perdas. E o que restou foi pouco.

A imagem evocada por Benjamin dos soldados que retornaram da 1ª Guerra mudos e ensimesmados pode nos fazer torcer a boca com dúvidas se eles realmente não tinham experiências a serem compartilhadas. Não sejamos exigentes demais, nós que nunca passamos por tais acontecimentos: eles haviam passado por inimagináveis situações de contínuo aniquilamento em série. Combates em que a destruição mútua e sem precedentes se espalhava rapidamente, imprimindo um pavor sem igual. Como se poderiam retirar daí experiências que atravessassem o

Professor do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC)/Campus Sobral. Mestre em Filosofia e Mestre em Psicologia (UFC). Doutorando em Filosofia (UFC). Brasileiro, residente em Fortaleza – CE. Email: jardimphilo@yahoo.com.br.

Professora Adjunta Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC)/Campus Sobral. Mestre em Educação (UFSCar). Doutora em Filosofia (UFSCar). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Nexos: Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar/NE. Brasileira, residente em Sobral-CE. Email: deborahantunes@gmail.com.

espírito, enriquecendo-o, ao ponto de poderem ser narradas a outras pessoas que pudessem dar continuidade ao patrimônio assimilado? Escapando à aniquilação e à devastação, só poderiam ficar quietos perante o horror que carregavam na alma. Talvez para que um dia esse horror se calasse¹.

Modernidade burguesa e tecnicizada; guerra e inflação; conturbação social e política; esvaziamento do patrimônio cultural humano. Estamos falando aqui do momento histórico em que Benjamin se angustia com o que, em uma carta de 7 de maio de 1940 a seu amigo Adorno, chamou de “metódica destruição da experiência”; o que este amigo, em consonância com Benjamin, considera um estado precário caracterizado como o maior indicativo do declínio da modernidade na barbárie (JAY, 2005, p.312). É justo que ele olhasse com séria desconfiança e reserva para os caminhos que se descortinavam no mundo na década de 1930 do século XX. Um século do qual somos, de muitos modos, herdeiros e continuadores. Um século que, pela análise de nossos autores, nasceu já empobrecendo em termos da experiência humana, embora tenha se enriquecido tanto em termos de desenvolvimento científico e tecnológico – o que pode parecer inicialmente uma contradição, mas se apresenta como questões intrincadas na medida em que esse mesmo desenvolvimento tecno-científico provoca um processo de dessensibilização enquanto marca de uma mudança antropológica no homem das sociedades industriais avançadas.

Escreve Benjamin que “quando a experiência nos é subtraída, hipócrita ou sorratamente” (BENJAMIN, 1985a, p.115), é muito honrado quem confessa essa indignação. Se assumíssemos esse dito do crítico alemão, teríamos coragem de fazê-lo? E, uma vez assumindo nossa condição de “barbárie bárbara” mesma (por que teríamos medo de assumi-la? De olharmos para nós como bárbaros?), teremos condições de nos comprometer a fazer uma diferença em meio a este estado de

¹ Lembro-me aqui do meu avô materno, o qual não gostava de conversar sobre a 2ª Guerra, na qual participou, quando eu perguntava algo sobre ela quando, então, ele se encontrava na Itália. Após alguma insistência minha, contava uns poucos episódios sem entrar em detalhes e se calava em seguida. Que passava pela mente e pelo coração dele? Talvez não fosse uma experiência da qual se orgulhasse? Talvez pensasse não ser essa experiência digna de ser compartilhada? (Nota do prof. Carlos Roger)

coisas bárbaro? Mais ao fim deste ensaio tentaremos uma resposta a essa difícil e comprometedoras questão.

Mais até do que falar da experiência, Benjamin expõe toda a cruza da barbárie que se instalou com o advento da modernidade, construindo novas modalidades de viver, fruto de emergentes constituições subjetivas. Dentro de um horizonte da Psicologia e Psicanálise, as subjetividades podem ser descritas como formações de significados constantemente móveis que se fazem em seus modos de ser próprios, atravessados pelo contexto histórico e cultural de um dado momento. Tal conformação em curso faz com que compreendamos, igualmente, a subjetividade “como o modo de organizar as experiências do cotidiano, os universos de sensações e representações” (ARAÚJO, 2002, p.81). Ora, tal concepção faz com que joguemos fora qualquer ideia de supostos “essencialismos” acerca do humano, como dotado de uma “natureza”: o humano é um ente o qual pensa/sente/atua em seu meio e é transformado por ele.

A subjetividade, como ethos, será então o espaço/moradia onde se organizam as nossas experiências existenciais, será o território no qual nos situamos, para podermos estabelecer relações com os outros, e para atribuir significado às experiências vividas. Sob nosso ponto de vista, esse significado se constitui junto com a própria produção da experiência cotidiana. A subjetividade se engendra no social e, o tempo todo, mantém com ele relações recíprocas de mútua constituição. (ARAÚJO, 2002, 82)

A autora atesta em sua experiência que “a emergência da ultravelocidade” (ARAÚJO, 2002, p.82), tem engendrado

desestabilizações nas subjetividades que precisam, periodicamente, reinventar novas maneiras de existência para poder interagir com os diversos universos, de forma a organizar suas sensações e experiências, com alguma harmonia, enfrentando o medo do despedaçamento. A força e intensidade das sensações do universo das subjetividades transformam-se ao longo da existência e produzem sensações novas, às vezes imprevisíveis, indizíveis, incapazes de serem traduzidas. (ARAÚJO, 2002, 82s)

E se essas sensações se mostram ao humano como “incapazes de serem traduzidas”, só confirma o diagnóstico benjaminiano de que perdemos a capacidade

Professor do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC)/Campus Sobral. Mestre em Filosofia e Mestre em Psicologia (UFC). Doutorando em Filosofia (UFC). Brasileiro, residente em Fortaleza – CE. Email: jardimphilo@yahoo.com.br.

Professora Adjunta Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC)/Campus Sobral. Mestre em Educação (UFSCar). Doutora em Filosofia (UFSCar). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Nexos: Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar/NE. Brasileira, residente em Sobral-CE. Email: deborahantunes@gmail.com.

de narrar o que pode ser configurado como experiências. Ser si-mesmo tornou-se um experimento excruciante. A pobreza de experiências é um convite à mesmice como regra geral do ‘bem viver’. Emerge, por seu turno, a questão: como se reinventar em formas singulares de subjetividade? Formas singulares de existir? Jeanne Marie Gagnebin sugere que o caminho seria esse mesmo: reinventar-se. De acordo com a autora,

trata-se de pensar novas formas de subjetividade, capazes de resistência e de crítica, mas não nos moldes do individualismo clássico, liquidado pelo desenvolvimento do capitalismo tardio. Se o “indivíduo” enquanto tal não é, pois, nenhuma substância eterna, mas sim uma forma histórica de subjetivação (hoje objetivamente destruída, mesmo que simultaneamente idolatrada pela ideologia do consumo e pela indústria cultural), isso, porém, não implica que devemos desistir da ideia de *sujeitos* capazes de resistência e liberdade. (GAGNEBIN, 2014,102)

É claro, Benjamin não usa de termos advindos da Psicologia ou da Psicanálise em suas considerações neste ensaio. É sabido que Benjamin tinha conhecimento da Psicanálise e tece reflexões com base e a partir de Freud como, por exemplo, no caso do cinema no texto sobre a reprodutibilidade técnica.

Porém, ao descrever seu momento histórico qualificando-o como *barbárie*, ele não recai em dualismos superficiais, nem se desdobra em tecer longos argumentos morais que, de resto, seriam inúteis. Simplesmente a comunidade humana esfacelou seu vínculo com o próprio percurso histórico, mergulhando numa condição bárbara que poderia trazer consequências terríveis, quem sabe assumindo princípios niveladores em que nada se cria, mas se reproduz a partir de moldes previamente estabelecidos considerados “corretos” e/ou “verdadeiros”, que não toleram quaisquer diferenças. Um princípio básico fascista.

Benjamin não se ilude diante de um mundo em desencanto, semeando possíveis catástrofes: estando todos dentro de uma mesma historicidade pobre, só nos resta confrontar barbárie contra barbárie. Se não tivermos isso presente em nosso espírito, sempre vai parecer estranho ou escandaloso ler a expressão, aparentemente contraditória, de um “conceito novo e positivo de barbárie”. (BENJAMIN, 1985a, 116).

Professor do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC)/Campus Sobral. Mestre em Filosofia e Mestre em Psicologia (UFC). Doutorando em Filosofia (UFC). Brasileiro, residente em Fortaleza – CE. Email: jardimphilo@yahoo.com.br.

Professora Adjunta Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC)/Campus Sobral. Mestre em Educação (UFSCar). Doutora em Filosofia (UFSCar). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Nexos: Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar/NE. Brasileira, residente em Sobral-CE. Email: deborahantunes@gmail.com.

E o que seria essa “barbárie”? Impelir-se a ir à frente (porque parece não haver muita escolha), esquecido ou alheio da tradição do patrimônio cultural e desprovidos de experiências que podem ser reiteradas em novas narrativas. Benjamin faz constante referência a *artistas* (pois são os mais sensíveis a mudanças de tal monta) como “criadores”, pois o fazem a partir do nada ou quase nada; “a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para direita nem para a esquerda” (BENJAMIN, 1985a, p.116). Ou da negação do que “foi”: o patrimônio que ficou desvinculado, obrigando-nos a lutar contra a barbárie negativa “com as pobres armas de que dispomos”, pois “se queremos começar a criar efetivamente uma sociedade nova a partir das condições bárbaras em que fomos postos, não temos outro jeito a não ser recorrermos à dura afirmação de uma ‘barbárie positiva’” (KONDER, 1989, 70). As condições históricas já foram postas em que, logo de cara, devemos admitir nossa condição de bárbaros.

E eis mais uma ambiguidade quando Benjamin escreve que “algumas das melhores cabeças já começaram a ajustar-se a essas coisas” (BENJAMIN, 1985a, p.116), a esses tempos diferentes e insanos. Ambiguidade e extravasamento são familiares aos artistas. Não por acaso Benjamin declara que são, simultaneamente, desiludidos quanto ao seu tempo e fiéis a ele. Eis aí um modo de ajustamento *sui generis*! Não chega a ser um conformismo, nem revolta cega e anárquica. Uma arte que faça pensar em outras formas de vida? Impõe-se que simplesmente não há outro jeito: uma postura de absoluta negação do solo histórico onde se vive e atua, ou postura de radical niilismo não rende qualquer fruto. Mas viver neste século de solo pobre e “rico” para florescer bárbaros, não significa implicar-se no mesmo jogo que eles sob as mesmas regras, embora com os mesmos e poucos elementos com que jogar.

Se Benjamin elencou os artistas (escritores, dramaturgos, pintores e arquitetos)² como as “melhores cabeças” capazes de criar algo desse pouco que nos

² Aqui temos a importância da Estética para a Teoria Crítica, que ao fim da vida, Adorno reinventa como Teoria Estética. A Estética como a possibilidade revolucionária que só pode se dar a partir do existente. Se o existente é barbárie, é nela em que as potencialidades de um novo mundo precisam ser encontradas e desenvolvidas. Adorno pensa na relação entre o artista o estilo, a

Professor do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC)/Campus Sobral. Mestre em Filosofia e Mestre em Psicologia (UFC). Doutorando em Filosofia (UFC). Brasileiro, residente em Fortaleza – CE. Email: jardimphilo@yahoo.com.br.

Professora Adjunta Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC)/Campus Sobral. Mestre em Educação (UFSCar). Doutora em Filosofia (UFSCar). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Nexos: Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar/NE. Brasileira, residente em Sobral-CE. Email: deborahantunes@gmail.com.

foi legado pela modernidade, seria possível que com essas vivências tão fugazes, temos realmente alguma coisa pouca com que criar, nós que não somos em nossa maioria exatamente artistas? Estariam garantidas para nós as condições para exercermos nossa barbárie positiva como atestara Benjamin?³ Dispomos de algo; de restos; de resíduos; de vestígios com os quais possamos, honradamente, confessarmos nossa pobreza? Ou nosso estado de coisas vigente é de uma assustadora miséria que nada mais podemos fazer a não ser assistir os escombros crescerem cada vez mais e acharmos isso muito natural?

Todavia, se há dúvidas e questionamentos os quais insistem em surgir em nosso espírito, é porque alguma coisa – ainda que meio vago – parece querer despertar para se construir (ANTUNES, 2015). Então que ações poderiam dar o ar da graça em nossas existências tão empobrecidas?

A propósito de algumas reflexões de Adorno (e apoiada por este filósofo alemão) sobre a formação das subjetividades a partir da difusão do rádio (e mesmo da TV), Antunes assevera que “o ponto de partida para a transformação desta sociedade não deve ser encontrado fora dela, mas na própria natureza da sociedade que se sedimenta nos sujeitos” (ANTUNES, 2015, 280). Não é buscando por modos de ser diferentes ao que existe que se vai poder discutir uma mudança de ares na cultura. Mas é dentro deste horizonte histórico a nos rodeia e atravessa que precisam ser buscadas as condições para tais transformações.

forma, a técnica. O artista precisa seguir as regras do estilo, do material, ter conhecimento acurado da técnica, mas para produzir arte, ele precisa ultrapassar tudo isso, partindo disso.

³ Para o exercício dessa barbárie positiva seria preciso resgatar condições mínimas para o acontecimento de *experiências* dignas desse nome, que poderiam ser narradas e fazerem morada no espírito humano. Para os fins deste pequeno ensaio, nos abstermos de conceituar o termo Experiência (*Erfahrung*) e o conceito que se lhe contrapõe, a saber, *Vivência* (*Erlebnis*), posto que ambos se encontram amplamente explicitados em vasta bibliografia. Contudo, se o leitor quiser aprofundar-se numa maior compreensão destas categorias tão importantes no pensamento benjaminiano, indicamos o famoso ensaio *O Narrador* (BENJAMIN, 1985b), onde Benjamin aprofunda mais o significado por ele dado à experiência, e o longo texto *Sobre alguns temas em Baudelaire* (BENJAMIN, 1994). Neste escrito, Benjamin elabora e separa claramente o potencial de riqueza advinda da tradição pelo caminho da experiência, daquela outra experiência exaurida e superficial da modernidade que é a vivência. Como suporte a mais, indicamos também o artigo de Lima e Baptista (2013); o capítulo “Experiência e vivência: choque e modernidade” no livro de Renato Franco (2015); e o ensaio, com clara inspiração benjaminiana, de Jorge Larrosa Bondía (2002) sobre o saber que pode advir da experiência.

Professor do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC)/Campus Sobral. Mestre em Filosofia e Mestre em Psicologia (UFC). Doutorando em Filosofia (UFC). Brasileiro, residente em Fortaleza – CE. Email: jardimphilo@yahoo.com.br.

Professora Adjunta Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC)/Campus Sobral. Mestre em Educação (UFSCar). Doutora em Filosofia (UFSCar). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Nexos: Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar/NE. Brasileira, residente em Sobral-CE. Email: deborahantunes@gmail.com.

Ora, se lembrarmos de como Benjamin prezava as narrativas ouvidas de autêntica experiência vinculada à tradição e ao nosso patrimônio cultural; se em nossa época continuamos mais pobres de experiências, atravessados e alienados de nós mesmos pelo uso das diversas tecnologias midiáticas, os quais parecem enfraquecer nosso potencial transformador individual e/ou coletivo, seria justo pensar

que as novas tecnologias de comunicação e interatividade seriam capazes de potencializar essas novas habilidades capazes de gerar transformação social? Quais mudanças antropológicas as gerações atuais estão sofrendo em virtude de suas novas formas e seus novos meios de comunicação? (ANTUNES, 2015, 281)

Analisando brevemente algumas novas expressões artísticas, e sensibilizada por estas, Antunes escreve que estas tecnologias “poderiam possibilitar formas estéticas e políticas de reconfiguração da percepção, da existência e da vida em um âmbito político e emancipatório” (ANTUNES, 2015,283).

É claro, é preciso prestar muita atenção criticamente ao quanto à formação das subjetividades contemporâneas, atravessadas pelas diversas formas de viver advindas do capitalismo tardio e neoliberal com seus infundáveis objetos de desejo-consumo, são constituídas pelas tecnologias digitais em seus conteúdos. Por outros termos, e ainda amparado por Antunes, “[...] a crítica precisa estar presente na análise da relação entre as formas e os conteúdos, entre os meios e os fins de cada expressão, na relação que cada manifestação artística estabelece com o momento histórico em que ela se realiza e se apresenta para nós” (ANTUNES, 2015, 284).

A partir das contribuições da autora a presente discussão, aponta-se para algo que podemos vislumbrar em meio às palavras do nosso crítico alemão: mesmo no campo do fazer artístico, tomado como exemplo ilustrativo, e mesmo que esse campo renda diversas manifestações de beleza e crítica ao modo de ser/viver que vige em nossa cultura herdeira da modernidade, ainda somos todos pobres. Muito pobres em possibilidades de experiências.

Percebe-se em Benjamin que ele, do mesmo modo como as melhores cabeças de que falou, também já ajustou sua “sintonia fina”, digamos. E para que?

Professor do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC)/Campus Sobral. Mestre em Filosofia e Mestre em Psicologia (UFC). Doutorando em Filosofia (UFC). Brasileiro, residente em Fortaleza – CE. Email: jardimphilo@yahoo.com.br.

Professora Adjunta Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC)/Campus Sobral. Mestre em Educação (UFSCar). Doutora em Filosofia (UFSCar). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Nexos: Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar/NE. Brasileira, residente em Sobral-CE. Email: deborahantunes@gmail.com.

Porque não se pode ficar simplesmente parado sem fazer algo assistindo o horizonte ficar cada vez mais obscuro. Mesmo com esse pouco com que fazer, há de faz-se algo.

A imagem do vidro (esse material que Benjamin chama de “inimigo do mistério”) é emblemática nesses tempos pobres e experiências: é leve e simplório. O vidro não deixa rastros; é descartável e substituível. A “cultura de vidro”⁴ ilustra tanto a ideia de Benjamin acerca de como os objetos de vidro (ou seja, não duráveis; substituíveis) como coisas que destroem a possibilidade da experiência aurática, como também serve de ilustração de nossa cultura onde a superficialidade das formas e sua textura lisa mostra a transitoriedade descartável. Os objetos lisos, como os de vidro, evocam um falso brilho de algo enriquecedor, onde não há essa possibilidade, e sim, a fugacidade que não deixa rastros. Uma cultura de falso brilhante.

Olhando ao redor é fácil perceber que essa cultura envidraçada inclui também o *plástico*: superfície lisa e que nada retém, ainda que possa ser impressa nele o que se quiser pintar. Bem entendido, nessa cultura de vidro/plástico não se trata aqui somente de objetos os quais são incrivelmente descartáveis, e que, examinando mais próximo ainda, identificamos nos cartões de crédito (os bancos os chamam emblematicamente de “plásticos”), carros, roupas (propagandeados nas vitrines das lojas mediante seus modelos feitos de fibra de vidro despersonalizados – sem rostos e lisos: importa a roupa; não quem a usa. Ou melhor: o sujeito é a marca descartável que usa e o usa), nas telas dos smartphones e *tablets*: eles trazem a variedade de formas, imagens, símbolos e opiniões do mundo inteiro de um modo tão veloz que quase nada deixam vestígios de suas passagens em nossa memória sob suas superfícies envidraçadas. Claro, se trata de vivências que se perderão no próximo minuto (descartáveis), e não de experiências.

Além de objetos, podemos agregar os lugares de certo convívio ou mesmo de possíveis encontros: shopping centers, padarias, cinemas com cara de lanchonetes,

⁴ A expressão é tomada de empréstimo por Benjamin de Paul Scheerbarth. Aqui tentamos ampliar as implicações desta expressão dentro do universo crítico do pensamento de Benjamin.

Professor do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC)/Campus Sobral. Mestre em Filosofia e Mestre em Psicologia (UFC). Doutorando em Filosofia (UFC). Brasileiro, residente em Fortaleza – CE. Email: jardimphilo@yahoo.com.br.

Professora Adjunta Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC)/Campus Sobral. Mestre em Educação (UFSCar). Doutora em Filosofia (UFSCar). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Nexos: Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar/NE. Brasileira, residente em Sobral-CE. Email: deborahantunes@gmail.com.

sem falar dos *fast-foods*, os quais, como o próprio nome exige, são para devorarmos avidamente o lanche e irmos logo embora o mais rápido possível.

Portanto, a cultura de vidro/plástico é a imagem mesma de um tempo linear ou que parece nunca mudar: não tem história. Não é à toa que Benjamin enuncia que vidro “não tem aura nenhuma” (BENJAMIN, 1985a, 117). Que mistérios pode haver com tanta transparência?

Para longe de saudosismos (nos arriscamos a percebê-los ainda vivos no espírito de Benjamin quando o lermos nas entrelinhas), a pobreza de experiências que o crítico alemão diagnostica indica que agora não se consegue mais (ou não se consegue tanto) aspirar a novas experiências, mas fazer algo a partir deste “pouco”; destes “restos” que a modernidade ainda lega a nós. Restos descartáveis que deixam para trás outros restos: constrói-se continuamente e se esvai tudo depois. O humano contemporâneo é um pobre que mendiga deste mundo em que vive (quase garimpando); mundo descartável e de vidro. E o humano mendiga o que for capaz de devorar. E isso sempre cansa...

A referência que Benjamin faz ao Mickey Mouse talvez fosse porque o personagem de desenho animado era um símbolo de um caráter onírico sedutor e alienante viciante da modernidade técnica. Hoje, além do Mickey, as formas culturais analgésicas são outras, pois do cansaço cotidiano sobrevém o sonho e seus “milagres”: TV, cinema de entretenimento, romances, literatura de autoajuda, cristianismos/religiões instrumentalizadas, novelas televisivas, programas de auditório de sábados e domingos, Facebook, Instagram, Snapchat... Pelo “sempre novo”, trocamos o patrimônio cultural. Escreve Benjamin que “abandonamos uma depois da outra todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do ‘atual’” (BENJAMIN, 1985A, 119).

Se não há condições para uma revolução em larga escala, entretanto, com poucos meios podemos ir transformando algo aqui e ali; com empenho e bom

humor⁵. E se realmente somos bárbaros, o somos porque essa pobreza em que nos encontramos, *nos ativa as forças* e não ficamos inertes por esta pouca força.

Benjamin pede de nós um pouco de humanidade a qual possa impedir (ou pelo menos se expresse por uma revolta a gritar em dissonância) a despersonalização; o estado continuado e cotidiano de guerra de todos contra todos, ou a “liquidez” dos tempos velozes a impor-se a nós constantemente. Verdade é que não há como não cansar nessa luta (daí a sedução do sonho e seus milagres que vigem na vida desperta); todavia, igualmente verdadeiro é que sempre há o que se pode fazer: por exemplo, contra as várias faces do fascismo que grassam na nossa cultura, declarados ou disfarçados (atravessando a todos nós em formas de autoritarismos velados ou francamente declarados e assumidos), que cimentam uma visão de mundo, nivelando para baixo a enorme miríade de dimensões da vida postando-se em franca oposição ao diálogo, uma vez que o fascista, além de ser pobre politicamente, essa lacuna deveu-se à “perda da dimensão do diálogo” (TIBURI, 2015, p.23). Logo, a perda da importância da dimensão do “outro” inviabiliza a aproximação e a interação sociais que poderiam enriquecer ainda mais a vida como um todo. E “toda a nossa incapacidade para amar em um sentido que valorize o outro é fonte do fascismo” (TIBURI, 2015, 27). Essa incapacidade para o diálogo com a diferença reinante no mundo nos faz menos humanos; mais empobrecidos; menos capazes de “nos humanizar”; mais “barbarizados”... Só que não no sentido de uma barbárie positiva.

Tomando a pobreza de experiências que se constituiu por todo século XX e que Benjamin assistiu seus derradeiros inícios com a ascensão do totalitarismo alemão em seu tempo, hoje podemos declarar sem rodeios: somos todos bárbaros! Bárbaros meio anestesiados é verdade. Porém, não em todos os momentos, mas às vezes, somos tensionados quando por um mal-estar que nos rodeia e aflige, querendo acreditar e mostrar que a vida fosse, e poderia mesmo ser, diferente. É nessa hora derradeira que o campo da *arte* pode ser a ponta de lança ou

⁵ Não há necessidade de se estar sempre sisudo para se lidar com as questões importantes do existir. Afinal, Benjamin lembra que esses fazem acontecer as mudanças no interior desta cultura empobrecida, ainda que pontuais, o fazem rindo e “esse riso tenha aqui e ali um som bárbaro” (BENJAMIN, 1985a, 119).

simplesmente a agulha que estoure as bolhas lisas e redondas (como se feitas de vidro!) das várias facetas da modernidade “rica” de adornos e bijuterias, como se ela se apresentasse para nós com um riso eufórico vestindo uma fantasia carnavalesca e postada no alto de um carro alegórico. Contudo, basta, ironicamente, “um pouco” de crítica bem mirada ou uma forma artística que transgrida a vida naturalizada pela mídia consumista que nos consome, para denunciar sua superficialidade que detona toda e qualquer vinculação com nossa história patrimonial-cultural, a nos empobrecer sem parar.

Se a nova arquitetura, então emergente à época de Benjamin, amparado por vidro e aço, “criaram espaços em que é difícil deixar rastros” (BENJAMIN, 1985a, 118), o humano deve ser, talvez, aquela figura fantasmagórica movimentando-se nervosamente pelos espaços citadinos regidos pela utilidade, pela pressa, pelo foco na resolução de seus problemas e pela estrutura mecânica e burocratizada do modo de organização do trabalho. Não há razões para “se deter”; contemplar; demorar-se; “ir na valsa”; nem a um ócio como cuidado como compreensão possível de si mesmo. Isso tudo lhe foi roubado, deixando-lhe na miséria. Algo do humano ficou pelo caminho inexorável do “progresso”. Mas nem isso deixou rastro suficiente para resgatar aquele humano. Só um pouco de desejo ou de saudade. Quem sabe um mal-estar que ainda lateja...

Se o humano não é um “indivíduo” ou um “eu” centrado em si regido mais ou menos sob as ilusões do “cogito”, não há possibilidade de autorrealização tal como propalada pelas psicologias humanistas e sustentadas por nomes como Carl R. Rogers ou Abraham Maslow, por exemplo. O que vige é esse “campo de tensões” em forma de carne e sustentada por feixes de nervos e estrutura óssea: essa forma dita “humana” vai perfilando seus trajetos no mundo na tentativa sempre retomada de encontrar um lugar; uma casa; um lar... ou algo que o valha.

Sugerimos ficarmos com o mal-estar: semente possível da revolta (ou será da revolução?) e do inconformismo. A partir daí, no auge de nosso barbarismo positivo, possamos “catar” (este é o termo mais adequado) das ruínas e dos vestígios de nossa história – sejam as criações, ou as resistências – algo que nos faça (talvez não mais ricos, já que não somos nem isso), um pouco menos pobres. Em tempos

Professor do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC)/Campus Sobral. Mestre em Filosofia e Mestre em Psicologia (UFC). Doutorando em Filosofia (UFC). Brasileiro, residente em Fortaleza – CE. Email: jardimphilo@yahoo.com.br.

Professora Adjunta Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC)/Campus Sobral. Mestre em Educação (UFSCar). Doutora em Filosofia (UFSCar). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Nexos: Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar/NE. Brasileira, residente em Sobral-CE. Email: deborahantunes@gmail.com.

de arte não-aurática, o lúdico e o mimético de alma infantil vem tão forte e inocente que pode nos proporcionar (e parafraseando a maravilhosa banda Secos e Molhados) a força para segurar a primavera entre os dentes.

Professor do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC)/Campus Sobral. Mestre em Filosofia e Mestre em Psicologia (UFC). Doutorando em Filosofia (UFC). Brasileiro, residente em Fortaleza – CE. Email: jardimphilo@yahoo.com.br.

Professora Adjunta Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC)/Campus Sobral. Mestre em Educação (UFSCar). Doutora em Filosofia (UFSCar). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Nexos: Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar/NE. Brasileira, residente em Sobral-CE. Email: deborahantunes@gmail.com.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor Wiesengrund. **O que significa elaborar o passado**. In: Theodor W. Adorno, *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ANTUNES, Deborah C. **Mídia, cultura e arte: questões para nosso tempo**. In: LIMA, Aluísio F.; ANTUNES, Deborah C. & CALEGARE, Marcelo Gustavo A. (orgs.) *Psicologia social e os atuais desafios ético-políticos no Brasil*. Porto Alegre: ABRAPSO, 2015.
- ARAÚJO, Maria Gercileni C. **Subjetividade, crise e narrativa**. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*. Fortaleza. v.2, n.1, p.79-91. 2002.
- BENJAMIN, Walter. **Experiência e pobreza**. In: *Obras Escolhidas 1. Magia e Técnica. Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1985a.
- _____. **O narrador**. In: *Obras Escolhidas 1. Magia e Técnica. Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1985b.
- _____. **Alguns temas sobre Baudelaire**. In: *Obras Escolhidas 3. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BONDÍA, Jorge L. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. *Revista Brasileira de Educação*. n.19, p.20-28, jan/fev/mar/abr. 2002.
- CALLADO, Tereza de Castro. COUTINHO, Hilda. “Condição humana e Efemeridade: Análise da perda da experiência em Walter Benjamin à luz do conceito freudiano de repetição” in: **Cadernos Walter Benjamin N. 14** Jan-Jun 2015, acessível no site: www.gewebe.com.br
- FRANCO, Renato. **10 lições sobre Walter Benjamin**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin**. São Paulo: Ed.34, 2014.
- HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor Wiesengrund. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1985.
- JAY, Martin. **Songs of experience: modern american and european variations on a universal theme**. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 2005.
- KONDER, Leandro. **Walter Benjamin: o marxismo da melancolia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

Professor do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC)/Campus Sobral. Mestre em Filosofia e Mestre em Psicologia (UFC). Doutorando em Filosofia (UFC). Brasileiro, residente em Fortaleza – CE. Email: jardimphilo@yahoo.com.br.

Professora Adjunta Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC)/Campus Sobral. Mestre em Educação (UFSCar). Doutora em Filosofia (UFSCar). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Nexos: Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar/NE. Brasileira, residente em Sobral-CE. Email: deborahantunes@gmail.com.

LIMA, João G. & BAPTISTA, Luís A. **Itinerário do conceito de experiência na obra de Walter Benjamin. Princípios**: Revista de Filosofia. Natal (RN). v.20, n.33, p.449-484. Jan-Jun, 2013.

TIBURI, Márcia. **Como conversar com um fascista: reflexões sobre o cotidiano autoritário brasileiro**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

Professor do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC)/Campus Sobral. Mestre em Filosofia e Mestre em Psicologia (UFC). Doutorando em Filosofia (UFC). Brasileiro, residente em Fortaleza – CE. Email: jardimphilo@yahoo.com.br.

Professora Adjunta Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC)/Campus Sobral. Mestre em Educação (UFSCar). Doutora em Filosofia (UFSCar). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Nexos: Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar/NE. Brasileira, residente em Sobral-CE. Email: deborahantunes@gmail.com.